

- [Jovem torturada](#)

- [Acidente com morte](#)
- [Excesso de velocidade](#)
- [Roubo em delegacia](#)
- [Banho no frio](#)

[Jovem torturada](#)

Política

Embaixada brasileira

Embaixada nos EUA vira alvo de disputa no Itamaraty

Saída de Sérgio Amaral abre corrida por representação mais cobiçada no exterior

- Compartilhar:

- [Facebook](#)
- [Twitter](#)
- [LinkedIn](#)
- [Whatsapp](#)

Publicado em 13/04/2019 às 09h00

Atualizado em 13/04/2019 às 09h00

Estadão



O chanceler Ernesto Araújo, que disputa com Eduardo Bolsonaro a indicação do novo embaixador em Washington
Foto: ADRIANO MACHADO/REUTERS-11/4/2019

Com a remoção do embaixador Sérgio Amaral de Washington, tanto a embaixada brasileira nos Estados Unidos quanto a embaixada americana no Brasil estão, na prática, acéfalas. Quem responde pela embaixada dos EUA em Brasília desde o ano passado é o encarregado de Negócios, William Popp. A expectativa era de que o nome do novo embaixador fosse anunciado para o presidente Jair Bolsonaro no seu encontro com Donald Trump, mas isso não ocorreu.

A partir da publicação da sua remoção no Diário Oficial da União, que ocorreu nesta sexta-feira, 12, Amaral ainda tem dois meses para providenciar a mudança e fazer a transição, mas o que o mundo diplomático, empresarial e político quer efetivamente saber é quem será seu substituto nesse posto, disputado por dez entre dez diplomatas não apenas brasileiros, mas do mundo todo.

[Leia também](#)

[**Novo secretário de Comunicação quer aproximar Bolsonaro de imprensa**](#)



[**Projeto de transparência é inconstitucional? Especialistas divergem**](#)



[**Gilmar traz julgamento de pedido de Lula para sessão presencial da 2ª Turma**](#)

No dia 13 de março, num café da manhã com jornalistas, o presidente Jair Bolsonaro anunciou que trocaria o embaixador do Brasil em Washington – o cargo mais importante do Itamaraty no exterior – e justificou que o ocupante que Amaral não estava defendendo a imagem do Brasil.

Naquela conversa, Bolsonaro justificou que não poderia tirar Sérgio Amaral imediatamente porque estava às vésperas de embarcar para uma visita oficial aos EUA e que a decisão só seria formalizada na volta. Indicado pelo seu amigo José Serra, então chanceler do presidente Michel Temer, Amaral soube do afastamento pela imprensa e começou a arrumar malas, gavetas e acomodação para sua filha, que estuda nos EUA. Mas a visita de Bolsonaro acabou e a demissão não veio.

Depois de o Itamaraty lhe pedir para esperar mais um tempo, Amaral inverteu o jogo: ligou para o Itamaraty em Brasília, alegou que sua mãe está doente e pediu para ser logo transferido. Ele tem dois meses para efetivar a mudança para a representação do Itamaraty em São Paulo, onde morava antes de ir para Washington. Ele é embaixador aposentado, o que não o impede de assumir embaixadas no exterior nem o futuro cargo.

OS NOMES MAIS COTADOS PARA WASHINGTON

Os nomes que chegaram a ser cotados foram o do cientista político Murillo de Aragão, da Consultoria Arko Advice, que era apadrinhado pelo vice-presidente Hamilton Mourão, e o do ministro de segunda classe Néstor Forster, preferido do chanceler Ernesto Araújo. Aragão não é diplomata e seria algo surpreendente, ou até inédito, nomear alguém fora da carreira para um cargo-chave. E Forster nem foi ainda promovido a embaixador e seria igualmente embaraçoso um diplomata júnior assumir justamente a Embaixada em Washington.

A equipe de Ernesto Araújo está convicta de que caberá a ele a escolha do novo embaixador, mas há dúvidas, por causa do grande envolvimento e influência do deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) nas questões externas. Ele é filho do presidente Jair Bolsonaro, presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara e teve destaque em duas viagens aos EUA, inclusive na visita oficial do presidente.

Apesar de Bolsonaro ter dito no café da manhã de março que haveria a troca de cerca de quinze embaixadores, a cúpula do Itamaraty informa que enviou uma lista de 45 nomes para a Casa Civil, incluindo embaixadores que ocupam efetivamente embaixadas, mas também os que chefiam consulados e representações em organismos internacionais. Desse total, seis estão voltando ao Brasil porque se aposentam neste ano.

Alguns nomes confirmados: Carlos Simas Magalhães sai do Paraguai para Portugal, Flávio Damaceno vai de Cingapura para o Paraguai, Antonio Patriota, ex-chanceler de Dilma Rousseff, muda da Itália para o Egito. Além disso, Ronaldo Costa assume a representação brasileira junto à ONU, em Nova York, Santiago Mourão vai para a Unesco e Pedro Bretas, para a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).